



Foto Alfredo Rizzutti

Araci Cortes e seu desenho, por Miécio Caffé, na Funarte

“Linda Flor”. A presença de Araci Cortes na cidade

Araci Cortes, na verdade Zilda de Carvalho Espíndola, lançou compositores como Ary Barroso e Assis Valente. Carioca, filha de um imigrante espanhol e de uma mulata, ela começou sua carreira no circo. Mais tarde estreou no teatro de revista e logo se transformou numa das grandes vedetes do País. Recebeu o título de “Rainha dos Brilhantes”, tal era a quantidade dessas pedras que usava. Hoje, com 80 anos, lúcida, ela confessa que durante os anos em que não teve onde apresentar sua arte foi vendendo algumas jóias, empenhando outras. “O tempo dilapida tudo”, diz ela, amargurada, triste. Depois de manter por alguns dias a casa cheia no Rio, Araci está, a partir de hoje, às 21 horas, na Sala Guiomar Novaes da Funarte (alameda Nothmann, 1.058), junto com Marília Barbosa, para apresentar o espetáculo “Linda Flor”, em homenagem aos seus 80 anos. Sobre o show, ela não gosta de falar. Afirma apenas que canta, representa e diz até palavras — “algumas poucas patifarias que não ofendem mais ninguém”.

Mas se Araci Cortes está satisfeita com o seu retorno aos palcos, um problema mais grave a preocupa: a sobrevivência. Vivendo de uma pequena pensão do governo do Estado do Rio de Janeiro, ainda ontem, ela pedia à ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, que visitou a Funarte, (vide matéria ao lado), uma pensão do governo federal. A ministra prometeu e Araci

agradeceu, esperançosa. “Eles deram muito cedo e tiraram cedo também”, afirma Araci, lembrando do dinheiro que ganhou quando jovem e que hoje lhe falta. Morando num quarto de pensão, no Rio, com o mínimo de conforto, ela sente falta de um aparelho de televisão, que ainda não conseguiu ganhar, e dos antigos teatros que aos poucos vão dando lugar a supermercados ou estacionamento. “O Teatro São José, onde estreei, está sendo botado abaixo, para construir um depósito de cachaça. Uma pena, uma grande pena.”

Em “Linda Flor”, Araci lembrará seus sucessos, como “Tu que Toma meu Nome” (Ary Barroso e Olegário Mariano), “Quem Quiser Ver” (Eduardo Souto), “Jura” (Sinhô), “Tem Francesa no Morro” (Assis Valente) e muitas outras. “Meu repertório é um tesouro. Coisa muito fina e que ninguém consegue imitar. As vezes elas pegam o meu ‘Ai Ioió’ para assassinar. São umas audaciosas.” Ainda como parte das homenagens, a Funarte lança hoje, às 20 horas, um livro de Roberto Ruiz e um disco sobre a “Rainha dos Brilhantes”, sob o título geral de “Araci Cortes-Linda Flor”. O show da cantora, compositora e empresária de companhias que levavam ao Rio de Janeiro fazendeiros, coronéis, banqueiros e homens de fortuna, nas décadas de 30 e 40, talvez seja, segundo ela própria, a sua despedida. “Estou cansada”.